

A PAISAGEM DO PORNÔ MAINSTREAM ONLINE: NARRATIVAS E IDENTIDADES

THE LANDSCAPE OF MAINSTREAM ONLINE PORN: NARRATIVES AND IDENTITIES

Gabriela Bercht ¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar, com base nos referenciais dos estudos culturais e feministas, as narrativas, as identidades e os operadores perceptivos que são colocados em jogo e se tornam hegemônicos nas representações pornográficas disponíveis on-line. Foram revisadas catorze pesquisas de análise de conteúdos de materiais pornográficos e se chegou à conclusão da existência de um sistema de representação intitulado *voluptas-violentiam*, marcado pela construção de identidades generificadas que se distinguem pela capacidade ou incapacidade de agredir e gozar.

Palavras-chave

pornografia; estudos culturais; estudos feministas; análise de conteúdo.

Abstract

This article aims to analyze, based on cultural and feminist studies frameworks, the narratives, identities, and perceptive operators that are put into play and become hegemonic in online pornographic representations. Fourteen content analysis studies of pornographic material were analyzed, and the conclusion was reached that there is a system of representation entitled *voluptas-violentiam*, marked by the construction of gendered identities that are distinguished by the ability or inability to aggress and to enjoy.

Keywords

pornography; cultural studies; feminist studies; content analysis.

¹ Doutora em Educação (UFRGS), bolsista de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial B- CNPQ, gabrielabercht@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3616-9265>, <http://lattes.cnpq.br/3704389684964656>.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla a qual teve como objetivo central averiguar se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas acessadas via internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos. Partindo de referenciais teóricos dos estudos culturais – em suas vertentes anglo-saxãs e latino-americanas – e, em especial, das teorizações de Jesús Martín-Barbero, definiu-se um mapa de investigação que pretendeu acompanhar o circuito comunicacional colocado em movimento com as representações sexualmente explícitas/pornográficas nas culturas juvenis.

O presente artigo apresenta uma parte dos achados desta pesquisa, centrando-se na análise das narrativas, das identidades e dos operadores perceptivos que são colocados em jogo e se tornam hegemônicos quando o discurso pornográfico entra nas redes e torna-se parte importante da experiência de navegação pela Web 2.0. Nesse momento, a apresentação dos resultados é realizada essencialmente a partir do marcador de gênero, Este destaca-se como fundamental para o entendimento de como as narrativas pornográficas operam.

Ao se levar em conta o grande número de mídias pornográficas disponíveis na web, percebe-se que a tarefa de delinear os principais traços da paisagem pornográfica presente conta com uma série de desafios e que realizar uma análise que seja representativa do universo das representações pornográficas disponíveis na internet são tarefas complexas.

Para atingir o objetivo acima citado, adotei algumas estratégias metodológicas. Primeiramente, optei por me apoiar amplamente em pesquisas já existentes sobre análises de conteúdo de mídias pornográficas on-line. A realização de uma investigação acerca do estado da arte das pesquisas sobre o tema permitiu delinear os principais elementos da paisagem pornográfica presente na internet.

A seleção do *corpus* de pesquisas que integraram o estudo do estado da arte sobre a temática foi realizada por meio da consulta a três bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; portal de periódicos Capes/MEC; e Scielo. Os termos utilizados para a busca foram: análise, conteúdo, pornografia, internet. Visando atualidade, selecionei apenas trabalhos que haviam sido publicados a partir do ano 2010.

O portal de periódicos da Capes/MEC indexou 107 trabalhos para os termos em inglês e nenhum trabalho para as expressões em português. A BDTD indexou três trabalhos para as palavras em inglês e nove trabalhos para os vocábulos em português. Já a base de dados do Scielo não indexou nenhum trabalho com os termos, em português ou em inglês.

Também realizei buscas nas três bases acima citadas pelos termos: roteiros, sexuais, pornografia. Foram realizadas buscas para os termos em inglês e português, por trabalhos publicados a partir do ano 2010. O portal de periódicos da Capes/Mec indexou dez trabalhos para os termos em português e 254 trabalhos em inglês. A BDTD

indexou um trabalho para os itens em português e nenhum trabalho para as palavras em inglês. A base de dados do Scielo indexou dois trabalhos para os termos em português e nenhum trabalho para inglês.

Para serem selecionados a integrar o *corpus* de análise, os trabalhos precisam atender a três critérios: as análises deveriam ser quantitativas; a internet ser o meio de acesso aos vídeos/imagens; e as análises versarem sobre ao menos um dos seguintes temas/categorias: objetificação, agência, agressão, violência, comportamentos sexuais. Tais grandes temas e categorias já são frequentes em pesquisas que se dedicam a realizar análises de conteúdos de representações pornográficas e possibilitam que haja uma comparabilidade entre os trabalhos selecionados.

É a relação de tais categorias com as mediações das narrativas e das identidades que garantiu o estabelecimento das principais características da paisagem pornográfica on-line. Após a leitura dos títulos e resumos de todos os trabalhos encontrados, defini o *corpus* de análise em treze pesquisas. Além disso, a leitura de um trabalho (Elise Carotte; Angela Davis; Megan Lim, 2020) de revisão sistemática e narrativa sintética de estudos publicados entre 1986 e 2017 que versavam sobre análise de conteúdos de vídeos pornográficos propiciou, ainda, a seleção de mais um trabalho para integrar o *corpus* de análise. De maneira que a revisão foi fechada em catorze trabalhos.

Nesse sentido, é preciso apontar, desde já, que a paisagem on-line que aqui descrevo possui a constituição de sua realidade mediada pelas lentes das pesquisas analisadas e pelas categorias temáticas previamente definidas. Tais categorias, mesmo no caso de classes amplas, como é o caso da categoria de comportamentos sexuais, também devem ser encaradas como operadores perceptivos limitadores da análise que aqui proponho.

Importante destacar que a escolha de realizar este trabalho conforme a revisão de pesquisas sobre a análise de conteúdos pornográfico constitui-se uma tentativa de iniciar um diálogo com um campo já bem estabelecido em países de fala inglesa, mas que ainda se encontra em um estágio de desenvolvimento inicial para o caso brasileiro. Optei, dessa maneira, por introduzir o termo paisagem no título do trabalho, justamente para indicar que a análise transcorre no contexto da visualidade e do que é imediatamente percebido.

Acredito que certos elementos apresentados no artigo compõem parte importante do campo visual da pornografia *mainstream* disponível on-line. No entanto, assim como o observar de outras paisagens, os elementos destacados dependem daquela que olha, sendo, obviamente possível descrever a paisagem da pornografia on-line com outras cores e nuances.

Dado o objetivo de desenvolver uma compreensão mais apurada de quais são as narrativas e identidades mobilizadas por tais discursos, selecionei tanto trabalhos que realizam análises mais amplas de pornografia *mainstream*, quanto estudos que analisam de forma comparada os conteúdos da pornografia *mainstream* com outros gêneros de representações pornográficas, como pornografia feminista e pornografia para mulheres. Também estão incluídos no *corpus* de trabalhos analisados pesquisas que

se dedicam a averiguar representações pornográficas disponíveis on-line com base em diferentes marcadores sociais como raça/etnia, geração, gênero e orientação sexual.

Foram priorizados trabalhos que se dedicam a analisar os conteúdos de representações pornográficas disponibilizadas de forma "gratuita" via internet. No tocante à definição de indústria de materiais adultos e de *mainstream*, assumo, para o primeiro termo o conceito elaborado por Matthew Zook (2007), geógrafo que se dedicou a mapear a localização geográfica de tal indústria: "[defino] a indústria adulta da internet como sites voltados para adultos, acessíveis a toda a comunidade da internet e que oferecem imagens, áudio, vídeo, texto e bate-papo para visitantes. A maioria desses sites é direcionado comercialmente" (Zook, 2007, p. 103-104). Tal definição está intimamente relacionada à de pornografia *mainstream* que, aqui, considero: "A pornografia *mainstream* é um conteúdo sexualmente explícito criado para consumo em massa, facilmente acessível de forma gratuita e frequentemente considerado 'para homens'" (Niki Fritz; Bryant Paul, 2017, p. 640).

Ao se considerar a tabela 1, é perceptível que todas as pesquisas realizam suas análises com base na seleção de sites pornográficas populares, e a popularidade destes pode ser atestada via consulta a plataformas de ranqueamento digital. Os discursos e as representações que aqui considero como hegemônicos são aqueles que se apresentam como dominantes em tais sites. Isso não quer dizer que tais representações sejam totalizantes, mas, sim, que possuem um acesso privilegiado aos meios de significação da sexualidade em tal contexto.

É preciso apontar que uma das limitações da presente pesquisa se centra no caráter essencialmente heterossexual e cisnormativo das representações pornográficas analisadas. Por fim, ressalto que não localizei nenhum trabalho quantitativo brasileiro que se dedicasse à análise de conteúdos de vídeos pornográficos.

De maneira ampla, as pesquisas analisadas se desdobram a olhar para: objetivação e agência, desigualdade de gênero, cenas de degradação e violência, marcadores raciais/étnicos, marcadores geracionais e comportamentos sexuais. A tabela, a seguir, busca sistematizar os principais elementos dos estudos incorporados ao *corpus* de análise.

Tabela 1 – Revisão de estudos dedicados à análise de conteúdo de pornografia on-line (2010-2021) ²

Nº	Ano de publicação	Autora(s)	Gênero	Amostragem	Unidade de análise	Comportamentos/categorias analisados
1	2010	Gorman , Stacy; Monk-Turner ; Elizabeth Fish ; Jennifer N.	Vídeos populares gratuitos (amadores e profissionais)	Procurou-se no Google.com por sites pornográficos gratuitos, amostrando aleatoriamente o quinto vídeo dos cinco primeiros sites encontrados a partir da busca pelos termos: "sexo", "pornô", "xxx".	Vídeos (nº = 45)	Beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo grupal, ejaculação, uso de preservativo, xingamento, domínio.
2	2014	Peters , Eryn M. et al.	Adolescentes (teens) populares	Identificou-se três sites pornográficos populares através do Google.com e do Alexa.com. Randomicamente, selecionou-se 50 vídeos da seção teen de cada site. Excluiu-se vídeos amadores, animações e vídeos que não eram em inglês.	Vídeos (nº = 150)	Beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo oral anal, <i>spanking</i> , <i>bondage</i> , estupro.
3	2014	Downing , Martin J. et al.	Gay masculino (amador e profissionais) de websites muito frequentados	Selecionou-se o vídeo mais recentemente assistido ou carregado da seção gay masculina de cinco sites propositalmente escolhidos, em diversos momentos.	Vídeos (nº = 302)	Beijos, felação, sexo anal, sexo oral anal, sexo grupal, ejaculação, masturbação, estimulação digital do ânus, uso de preservativo, <i>spanking</i> , <i>bondage</i> .
4	2014	Vannier , Sarah A.; Currie , Anna B.; O'Sullivan , Lucia F.	Adolescentes (<i>teen</i>) comparada com mães que eu gostaria de foder (<i>Milf</i>)	Usando o Google.com, identificou-se sites pornográficos populares. Foram excluídos sites que exigiam pagamento, eram interativos ou não possuíam as categorias <i>teen</i> e <i>Milf</i> . Foram selecionados randomicamente cinco vídeos de cada categoria de dez sites durante o período de dois meses.	Vídeos (nº total = 100; <i>Milf</i> = 50; <i>teen</i> = 50)	Comportamentos sexuais (beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo oral anal, ejaculação, uso de preservativos, <i>spanking</i> , carinhos), características descritivas (idade, raça, nudez, pelos pubianos) e poder (experiência, <i>status</i> profissional, início da atividade sexual, controle, persuasão física e verbal, exploração).

2 A apresentação dos artigos e as categorias utilizadas na tabela em questão foram inspiradas no estudo de revisão de Carrotte; Davis; Lim (2020). Os seguintes trabalhos também constam na revisão realizadas pelas autoras citadas: Gorman; Monk-Turner; Fish, 2010; Peters et al., 2014; Downing et al., 2014; Vannier; Currie; O'Sullivan, 2014; Klassen; Peter, 2014; Zhou; Paul, 2016; Fritz; Paul, 2017; Séguin; Rodrigue; Lavigne, 2016.

5	2014	Klassen, Marleen J. E.; Peter, Jochen.	Popular e <i>mainstream</i> heterossexual	Selecionou-se os 100 vídeos mais assistidos de quatro sites pornográficos populares e se codificou a primeira cena de cada vídeo. Excluiu-se desenhos e vídeos não sexuais.	A primeira cena de sexo (nº = 400)	Felação, cunilíngua, orgasmos, <i>spanking</i> , tapas, puxão de cabelo, sufocamento, <i>gagging</i> , bondage, socos, chutes, tortura, estupro, morte, dominância, submissão, objetificação, poder, violência.
6	2015	Shim, Jae Woong; Kwon, Ma-nhnwoo; Cheng, Hong-In	Sites de revistas pornográficas voltadas para homens e sites de revistas pornográficas voltadas para mulheres	Selecionou-se randomicamente dois sites de revistas pornográficas voltadas para homens e dois sites de revistas pornográficas voltadas a mulheres. Foram identificadas randomicamente 50 imagens de cada site.	Imagens (nº total = 200, 100 de sites para homens e 100 de sites para mulheres)	Desigualdade sexual e objetificação.
7	2016	Zhou, Yanyan; Paul, Bryant	Categoria "mulheres asiáticas" comparada com outras categorias populares (<i>teen, Milf, loiras, seios grandes</i>)	Identificou-se vídeos das dez primeiras categorias do xvideo.com (incluindo a categoria "mulheres asiáticas"). Utilizou-se método de amostragem sistemática e estratificada.	Cenas (nº = 3132, incluindo 172 cenas de "mulheres asiáticas")	Beijos, feelação, cunilíngua, sexo oral anal, sexo vaginal, sexo anal, ATM (<i>ass to mouth</i>), iniciação do ato sexual, agressão física.
8	2017	Fritz, Niki; Paul, Bryant	Feminista, para mulheres e <i>mainstream</i>	Selecionou-se randomicamente vídeos do <i>Lust Cinema</i> , site nominado para a premiação de pornô feminista. Também se selecionou conteúdo do <i>CrashPad Series</i> , um site pornô feminista queer. Randomicamente, identificou-se vídeos da categoria para mulheres do pornhub.com. Ainda encontrou-se randomicamente vídeos das cinco maiores categorias do pornhub, para formar a amostra de vídeos mainstream.	Cenas (nº total = 300, 100 feministas, 100 "para mulheres", 100 "mainstream")	Sexo vaginal, ejaculação, orgasmo, <i>bondage</i> , domínio, sadomasoquismo (BDSM) e dominação, agência e objetificação.
9	2017	Séguin, Léa J.; Rodrigue, Carl; Lavigne, Julie.	Popular	Selecionou-se os 50 vídeos mais assistidos de todos os tempos de todas as categorias do <i>pornhub.com</i> .	Vídeos (nº = 50)	Orgasmo.

10	2018	Shor, Eran; Seida, Kimberly	Vídeos <i>mainstream</i>	Identificou-se os vídeos mais assistidos de categorias predefinidas do pornhub.com: "Todos"; "Interracial"; "Ebony"; "Asiático/japonês"; "Latina"; "Gay"; "Aleatório".	Vídeos (nº total = 269; "Todos" = 70; "Interracial" = 25; "Ebony" = 52; "Asiático/japonês" = 35; "Latina" = 19; "Gay" = 25; "Aleatório" = 80).	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> , sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, exibição de prazer feminino.
11	2019	Shor, Eran	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou-se os vídeos mais assistidos do pornhub.com de categorias predefinidas: "Todos", "Interracial", "Ebony", "Asiático/japonês", "Latina", "Gay", "Aleatório" e se codificou tal amostra em duas categorias: "adolescentes" (<i>teenagers</i>) e "Milf".	Vídeos (nº total = 172 vídeos; "Adultos" = 117, "adolescentes" = 55)	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> , sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, ejaculação no rosto ou boca, atos de afeição (beijos, carinhos, conversas carinhosas), exibição de prazer feminino
12	2019	Zhou, Yanyan et al.	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou-se as dez categorias com maior quantidade de conteúdo do <i>Xvideos.com</i> ("boquete", "adolescentes", "morenas", "loiras", "gozada", "peitos grandes", "anal", "bunda", "mulheres asiáticas" e "Milf") e se codificou comportamentos sexuais em vídeos proporcionalmente selecionados a partir dessas categorias. Os dados de codificação foram, então, submetidos à análise de rede social (<i>social network analysis</i> - SNA) para explorar padrões de co-ocorrência dos comportamentos sexuais exibidos.	Cenas (n total = 3132 cenas, codificadas de 3053 vídeos)	Comportamentos sexuais foram divididos em seis subcategorias ("homem-mulher", "mulher-mulher", "homem-homem", "mulher-mulher", "auto-homem", "auto-mulher"). Foram codificados um total de 28 comportamentos sexuais, entre eles: Sexo oral, sexo oral anal, sexo vaginal, estímulo genital com os dedos, beijo profundo, beijo suave, sexo anal, <i>face fuck</i> , <i>tit fuck</i> , <i>ass to mouth</i> , cuspidas, estimulação vaginal com apetrechos.

13	2021	Fritz, Niki et al.	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou-se proporcionalmente e randomicamente vídeos das categoriais mais populosas do <i>PornHub</i> e do <i>Xvideos</i> . A amostra foi afunilada para incluir apenas vídeos que continham dois indivíduos, de gêneros diferentes e que fossem negros ou brancos. A análise foi feita a partir das diferentes combinações raciais dos participantes dos vídeos.	Cenas (n total = 1741; casais negros = 61, casais brancos = 1428, mulher negra e homem branco = 57, mulher branca e homem negro = 195)	Objetificação (ejaculação facial e <i>stripping</i>), agressão física (qualquer ação que pareça causar ou que possa causar dano a uma pessoa. Exemplos: <i>spanking</i> , sufocamento, puxões de cabelo, mutilação) e comportamentos sexuais (beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal e sexo anal).
14	2021	Shor, Eran; Seida, Kimberly	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou-se vídeos mais assistidos de três categorias do <i>pornhub</i> : "mais assistidos de todos os tempos" (heterossexual), "gay" e "lésbica". A análise foi realizada a partir da comparação entre as três categorias.	Vídeos (n total = 210; "mais assistidos de todos os tempos" = 70; "gay" = 70; "lésbica" = 70)	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> , sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, ejaculação no rosto ou boca, atos de afeição (beijos, carinhos, conversas carinhosas), exibição de prazer.

Fonte: Elaboração própria (2023)

Os dados obtidos com base na revisão de trabalhos dedicados à análise de conteúdo de materiais pornográficos disponíveis on-line permitem desenhar alguns traços da paisagem pornográfica contemporânea. O objetivo aqui é apresentar tais traços de maneira ampliada e propor uma discussão entre os dados obtidos e os referenciais teóricos que moveram a pesquisa de uma maneira mais ampla. Nesse sentido, é preciso lembrar que Narrativas e Identidades são duas mediações básicas apontadas por Omar Rincón e Jesús Martín-Barbero (2019) no seu (novo) mapa das mediações.

Conectando os polos das temporalidades com o das sensorialidades, a mediação das identidades diz respeito a identidades que vêm de tempos "duros e densos", como as identidades de homem e mulher e figuras de identidades mais efêmeras e fragmentadas como as de "Milf", "novinhas", "lésbicas". Tais exemplos não estão na obra de Martín-Barbero e são parte do exercício de pensar os dados obtidos frente aos referenciais teóricos da pesquisa.

Como mostro adiante, a mobilização e a criação de certas identidades e figuras de identidades integram o *modus operandi* das representações pornográficas na atualidade. Por sua vez, conectando os polos das tecnicidades com o das temporalidades,

a mediação das narrativas surge nesse mapa barberiano para dar conta de alguns aspectos do processo de comunicação contemporâneo que, parece-me, estão bastantes presentes na relação entre pornografia on-line e jovens. Sobre o conceito de narrativas alguns apontamentos devem ser feitos antes de iniciar o processo de articulação entre os referenciais teóricos e os dados obtidos.

A mediação das narrativas está intimamente ligada, no pensamento de Barbero, à noção de rituais. Rituais, nesse caso, não guarda um sentido sagrado, mas está embebido em cotidianidade. De acordo com Rincón e Martín-Barbero (2019), vemos na atualidade a expansão de rituais, como assistir séries e conversar pelas redes. Tais rituais são geradores de narrativas. As narrativas, por sua vez, devem ser compreendidas, também, em sua dimensão cotidiana, são geradoras de histórias e conversações. A arte de narrar está relacionada à necessidade de compartilharmos experiências e darmos sentido ao cotidiano. Aqui, é importante já indicar a necessidade de pensarmos a relação entre pornografia e culturas juvenis com base nas noções de uso e experiência.

Ao analisar, então, o tipo de mensagem ao qual os jovens podem estar cotidianamente expostos ao acessarem materiais pornográficos via internet, realizo um exercício similar àquele efetuado por Guillermo Orozco Gómez (1993), quando se dedicou à análise axiológica da programação televisiva em que as crianças mexicanas estariam expostas no seu uso cotidiano da televisão.

Gómez (1993) aponta que é preciso reconhecermos que diversos fatores como a polissemia das mensagens, a existência de mediações múltiplas, a capacidade receptiva e a competência comunicativa impedem que possamos pensar as mensagens dos meios massivos como tendo um efeito direto, homogêneo e único, de forma que devemos relativizar o efeito “monolítico” dos meios sobre as audiências.

Ainda assim, o autor aponta que: “se faz necessário reconhecer a importância da oferta axiológica televisiva, a qual se assume como o ‘referente’ a partir do qual se produzem diferentes interpretações e, finalmente, se produz a comunicação” (Gómez, 1993, p. 11). O que busco aqui, portanto, é este “referente” pornográfico.

É preciso enfatizar que tomo as narrativas pornográficas analisadas como referenciais que podem adentrar o mundo da experiência e ser consideradas práticas ou “modos de fazer”. Entendo o termo narrativas, aqui, como expressando um espaço de ficção em que se expressam procedimentos e táticas que, para além de descrever algo, fazem algo (Lourdes Silva; Maria Baseio, 2019). A escolha, então, por articular a pesquisa conforme o mapa barberiano e as mediações ali presentes, indicam a fundamentalidade dos Estudos Culturais, em especial na sua vertente latino-americana, na constituição da pesquisa.

Narrativas pornográficas

A relação entre narrativa e pornografia se tornou mais explícita ao longo dos anos 1970, quando a progressiva incorporação de histórias narrativas nos filmes pornográficos contribuiu para que, segundo Linda Williams (1989; 2004), a pornografia

se tornasse mais um gênero entre os demais. A partir desse período, a pornografia contaria com determinados traços que – da mesma maneira conforme outros gêneros fílmicos (como o terror, o suspense, a comédia romântica) – permitiriam a constituição e identificação do pornô enquanto gênero. Willians (1989) nota que, para o processo de a pornografia se tornar um entretenimento *mainstream*, foi importante a definição da legalidade do gênero e a mudança na metragem dos filmes, que passaram, naquela época, a ser longa metragens produzidos por estúdios maiores.

O processo de constituição do gênero pornô foi marcado pela constituição também de uma nova iconografia visual. A incorporação de histórias narrativas e a definição de tal iconografia foram responsáveis pela constituição do que Shirra Tarrant (2016) classifica como a Era de Ouro (1960-1980) da pornografia, na qual as histórias pornográficas passaram assumir características muito próximas as histórias contadas por outros gêneros fílmicos. Os filmes pornôs passaram a ser constituídos, dessa maneira, por uma série de narrativas e números sexuais que repetidos à exaustão se tornaram o gênero pornográfico por excelência.

Sintomático de tal período é o guia desenvolvido por *Stephen Ziplow Film Maker's Guide to Pornography* (1977). No guia consta, segundo Williams (1989), uma lista de vários atos sexuais que deveriam estar incluídos nos filmes pornôs para a garantia de sucesso da obra: masturbação (entendida enquanto uma cena em que uma mulher se masturba); sexo hétero (entendido como a penetração do pênis na vagina em diversas posições); lesbianismo³ (apontado diretamente como sendo voltado para a audiência heterossexual); sexo oral (cunilíngua e felação, porém, o autor faz a ressalva de que filmar do ato de cunilíngua apresenta dificuldades técnicas que a felação não possui; a felação ainda teria a vantagem de facilitar a filmagem da “Money shot”⁴); sexo a três (a configuração subentendida é de duas mulheres e um homem); orgias; sexo anal (sendo este recebido por uma mulher e realizado por um homem).

A tal lista, Williams acrescenta, ainda, com base em análises de filmes da época, a presença de cenas de “sodomazo”, que retratam relações sadomasoquistas como chicotadas, palmadas ou bondage. Tais atos e as narrativas que os acompanhavam, bem como a maneira como eram filmados e fotografados, constituíram a iconografia visual padrão da pornografia na época citada. Eram estas as imagens que um consumidor de pornografia esperava ver quando entrava em contato com algum filme pornográfico.

Segundo a revisão das análises dos conteúdos pornográficos que surgem com mais frequência nos sites que abrigam os maiores arquivos do gênero (*Xvideos, Pornhub, Xtube, Redtube* etc.), é possível propor uma versão atualizada da lista elaborada por Ziplow (1977). Da mesma maneira que o consumidor de pornografia dos anos 1970 possuía algumas expectativas quanto ao tipo de cenas e de narrativas com as quais se depararia ao assistir um filme pornográfico; na atualidade, ainda parece ser possível estabelecer um conjunto de atos que, ao estarem reiteradamente presentes nas mídias pornográficas acessadas pela internet, passam a constituir o gênero pornográfico em si.

3 O termo utilizado no original é “Lesbianism”. No entanto, é necessário indicar que, atualmente, há o indicativo, em português, pela utilização do termo lesbianidade dado que este exclui uma interpretação no campo do patológico.

4 Momento em que as câmeras registram a ejaculação do ator, normalmente nos seios, rosto ou boca das atrizes.

Com isso, não se deve pensar que a lista que proponho a seguir esgota as possibilidades do gênero pornográfico disponível na internet. Zabet Patterson (2004) aponta que uma característica própria da internet e, por consequência, da pornografia disponibilizada on-line é a instabilidade, a mudança constante e volatilidade, de maneira que qualquer tentativa de historicizar ou mapear os conteúdos pornográficos disponíveis on-line seria apenas um *snapshot* de um dado lugar em determinado tempo. Tendo tal questão em mente, proponho a seguinte lista como representativa do roteiro básico de um vídeo pornográfico heterossexual encontrado em um site do estilo *tube* na internet:

- um homem⁵ recebendo sexo oral de uma mulher;
- um homem penetrando vaginalmente uma mulher;
- um homem ejaculando na boca, no rosto ou no peito de uma mulher;
- um homem ou uma mulher recebendo estimulação genital.

Todas as cenas descritas acima registraram uma ocorrência superior a 50% em mais de uma das pesquisas revisadas. Com base, ainda, em tais pesquisas, outros eventos, ou números sexuais, para utilizar a definição de Linda Williams, que possuíam grande probabilidade de ser vistos, incluem:

- uma mulher sendo agredida fisicamente de maneira visível por um homem;
- um homem dando palmadas em uma mulher;
- uma mulher se despindo diante da câmera;
- um homem penetrando a garganta de uma mulher com o pênis até a ocorrência do reflexo de vômito;
- um homem penetrando o ânus de uma mulher;
- uma mulher recebendo sexo oral;
- um homem e uma mulher se beijando.

Todos os números descritos acima registraram uma ocorrência superior a 20% em mais de uma das pesquisas revisadas. Acredito que temos aí, ainda que de maneira genérica, a versão mais contemporânea do roteiro (ou de *checklist*) dos atos que usualmente constam na pornografia *mainstream* heterossexual disponível on-line.

Quando consideramos a paisagem pornográfica descrita acima face aos debates feministas sobre a pornografia, alguns pontos, acredito, merecem destaque. Primeiramente, é necessário reconhecer o caráter primordialmente heterossexual das representações analisadas, tal fato não se deve exclusivamente as opções metodológicas e teóricas das pesquisas analisadas, mas a também a forma como se dá o acesso aos vídeos nos sites pesquisados. Muitas das pesquisas tomaram como ponto de partida para a formação dos seus *corpus* de análise as categorias “mais assistidos” ou “aleatórios” dos sites em questão.

A forma como, nos grandes portais de acesso a pornografia, os conteúdos são apresentados já aponta que o conteúdo primário ofertado em tais sites é de pornografia heterossexual e deixa explícita a existência de um direcionamento a um público específico: homens heterossexuais. É a eles que o conteúdo “universal” dos sites é ofertado.

⁵ Assume-se, aqui, que as pessoas envolvidas nos vídeos analisados são cisgêneras, nenhuma das pesquisas analisadas afirmou realizar análises de vídeo que envolvessem pessoas transgêneras.

Nos três sites de conteúdo pornográfico mais acessados no Brasil⁶ (xnxx.com, xvideos.com e pornhub.com), conteúdo não heterossexual é apresentado mediante a seleção de filtros. Além dos filtros que permitem o acesso a conteúdo não heterossexual, há, no caso do pornhub.com, um filtro que permite acesso a vídeos “para mulheres”, que presumidamente atenderiam aos desejos representacionais de mulheres heterossexuais.

Boa parte das discussões feministas sobre pornografia esteve centrada, ao longo das décadas de 1970 e 1980, nos materiais pornográficos heterossexuais e suas possíveis contribuições para a exploração e submissão das mulheres. Nesse sentido, é justamente em relação à constituição da heterossexualidade como um regime político e econômico, e não apenas como uma forma de relacionamento sexuado entre homens e mulheres, que as narrativas pornográficas analisadas ainda parecem ter o que falar.

As cenas/vídeos/ imagens que formaram o corpus de revisão desta pesquisa parecem atestar que o discurso hegemônico apresentado pela pornografia *mainstream* disponível on-line apresenta, ao contrário do que poderíamos esperar, uma baixa variabilidade de números sexuais; afirma o prazer do homem em detrimento do prazer da mulher; objetifica tanto homens como mulheres; porém, constitui apenas estas como alvos possíveis de agressões e comportamentos violentos.

Ao analisar-se o *checklist* elaborado com base nas pesquisas revisadas, torna-se nítido que há, no discurso pornográfico, uma falta de reciprocidade explícita na forma como a relação heterossexual típica é retratada. Nesse sentido, não se trata de afirmar de maneira moralista ou higienista que determinados atos, que podem ser considerados degradantes ou violentos, não deveriam existir no discurso pornográfico, mas, sim, de constatar que tais atos existem apenas em cenários em que as posições de sujeito são fixas de acordo com o gênero das pessoas participantes envolvidas.

Nesse sentido, as representações de gênero ali encontradas operam dentro e a partir de uma política do desejo que constituiu a heterossexualidade como um regime político (Monique Wittig, 1992) e como uma forma de governo (Paul Preciado, 2017; 2018; 2019) que age sobre todos os corpos, sejam eles consumidores ou não de pornografia, pois as representações contribuem para manutenção de um sistema sexo-gênero que escapa à individualidade.

O modo como as narrativas pornográficas apresentadas constituem-se como hegemônicas reside precisamente no fato de elas se imporem não segundo uma lei, mas, sim, de uma afirmação do desejo que se pretende natural, irruptivo e universal. As narrativas *mainstream* pornográficas acabam contribuindo, assim, para que se estabeleça “na prática da sexualidade uma partição entre o que se pode e o que não se pode fazer” (Preciado, 2019, p. 327).

A essência das narrativas pornográficas encontradas reside na afirmação de um ser-sujeito codificado a partir dos signos de masculinidade como homem que atua (penetrando, ejaculando, agredindo) sobre um outro ser-objeto ou ser-coisa codificado conforme os signos da feminilidade. Este ser-objeto mulher além de ser o receptáculo de certos atos específicos, também atua (chupa, despe-se), no entanto, está atuação parece estar quase que integralmente voltada para a satisfação de um desejo que não

⁶ Com base em consulta ao ranking da categoria adulta. Disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/brazil/adult/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

é necessariamente o seu. A articulação das narrativas pornográfica ocorre, portanto, a partir da afirmação de duas identidades básicas, de homem e mulher, que, talvez surpreendentemente, exercem uma variação diminuta de atos não intercambiáveis.

Ao atentar, então, para os atos que muitas das pesquisas codificaram como degradantes e/ou como comportamentos sexuais não normativos também se atesta a característica generificada de tais números sexuais. Nesse sentido, é necessário apontar que, com algum consenso, certos atos são tomados como tipificando processos de objetificação, violência e degradação.

Ao se tornarem parte dos *scripts* da pornografia *mainstream*, devem ser lidos como representando algo mais do que simples atos sexuais. A noção de reciprocidade torna-se fundamental para entendermos o sentido que a inclusão de determinados atos ganha ao adentrar o rol de comportamentos sexuais presentes na pornografia. De maneira que:

o fato de que comportamentos agressivos, como palmadas (spanking) e engasgos (gagging), tornaram-se rotina apenas como atos contra mulheres e não contra homens, sugerem que esses atos não são “apenas parte do sexo”, mas parte de uma normalização do roteiro sexual de dominação e objetificação de mulheres. (Fritz; Paul, 2017, p. 648).

Isso não quer dizer que homens não são objetificados na pornografia *mainstream*. No entanto, como bem apontam Fritz e Paul (2017), existe uma série de atos, como dupla penetração, *gaping*, ejaculações em partes externas do corpo, entre outros, que são utilizados na pornografia para representar a objetificação das mulheres e que não possuem uma contraparte masculina. Atos como *gaping*⁷ e *gagging*⁸ parecem ter como objetivo primário indicar a possibilidade de causar dano e de ir além dos limites dos corpos das mulheres, seja pela dilatação extrema da vagina ou do ânus, seja pela presença do reflexo de vômito.

As pesquisas revisadas indicam que tais atos mostram-se tão frequentes⁹ quanto a ocorrência de cenas beijos, por exemplo. De maneira que, é possível presumir uma probabilidade alta da/o usuária/o recorrente de vídeos pornôs em se deparar com tais números sexuais, sem que este ou esta tenha necessariamente procurado ativamente por tais atos.

Parece ainda haver correção, portanto, na análise que Adrienne Rich (2010) realizou sobre a função que as representações pornográficas possuem no processo de naturalização e instituição de determinada versão sobre a pulsão masculina e sobre a forma como o consentimento ocorre nas relações heterossexuais.

A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. Ela amplia o conjunto de comportamentos considerados aceitáveis para os homens em seus intercursos heterossexuais – comportamento que retira das mulheres reiteradamente

7 Faz-se referência, aqui, ao alongamento excessivo do reto ou da vagina com as mãos, outros objetos ou devido à penetração recente exibida para a câmera.

8 Refere-se à inserção do pênis na garganta em profundidade de maneira a produzir reflexo de vômito.

9 Os maiores índices encontrados para a ocorrência de *gaping* e *gagging* foram, respectivamente, 26% (Fritz; Paul, 2017) e 25,64% (Shor; Seida, 2019).

de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade (Rich, 2010, p. 27).

As descrições pornográficas, segundo Rich (2010), exemplificam um conjunto de características do que a autora classifica como poder masculino, ou poder dos homens. Tem tais descrições, também, um duplo agir, negam a sexualidade das mulheres ao mesmo tempo que impõem a sexualidade masculina. A pornografia faz parte, portanto, enquanto método, das estratégias de manutenção do poder masculino. Através de suas representações, o sadismo heterossexual é normalizado, à medida que a sexualidade das mulheres é apagada.

A função pedagógica da pornografia para as mulheres é ensiná-las a pensar em si próprias enquanto presas sexuais. A pornografia tem um papel ativo em fazer transmitir como um dogma as mensagens que naturalizam, ao mesmo tempo em que instituem, certas características da pulsão sexual masculina. Tal pulsão, por obrigatória e natural, não pode ser responsabilizada por muitos dos seus atos.

Mais uma vez, é necessário lembrar que não se trata de negar a possibilidade de que sujeitos possam desejar a submissão ou possam legitimamente excitar-se com atos que o cidadão médio – para ficarmos com a terminologia jurídica que pautou as discussões sobre obscenidade nos EUA nas décadas de 1960-1980 – considere violentos e/ou degradantes. Trata-se de notar que as representações analisadas constituem uma narrativa hegemônica sobre o sexo em que a possibilidade de reciprocidade e a equivalência dos corpos são negadas. As narrativas pornográficas analisadas são, portanto, exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante.

É possível, dentro da ficção teatral da sexualidade, desejar limpar sapatos com a língua, ser penetrado por todos os orifícios ou caçar o amado num bosque como se fosse uma presa sexual. Contudo, dois elementos diferenciais marcam a distância entre a estética queer da sexualidade e a estética heterodominante do antigo regime: o consenso e a não naturalização das posições sexuais. A equivalência dos corpos e a redistribuição do poder (Preciado, 2020, p. 328-329).

A falta de equivalência entre os corpos é notada tanto quando observados quem são aqueles capazes de agredir quando observamos quem são os capazes de gozar, fato que impossibilita analisar de maneira isolada as representações de prazer dos atos de violência/agressão/degradação. Parece, portanto, instaurado na paisagem pornográfica atual um sistema de representação que proponho denominar de *voluptas-violentiam*.

É necessário notar que o binômio com o qual decidi operar não é o de prazer/dor, pois a dor não parece estar presente nas representações analisadas. O que surge da leitura dos dados apresentados é, no entanto, uma correlação importante entre capacidade de agredir e possibilidade de sentir prazer. Retomando, cenas de agressão física são comuns na pornografia *mainstream* (Klassen; Peter, 2014; Zhou; Paul, 2016;

Fritz; Paul, 2017; Shor; Seida, 2018; 2021; Shor, 2019; Fritz et al., 2021), estando presentes em ao menos um terço das amostras analisadas. Há, no entanto, variações relevantes, quando consideramos marcadores de gênero no que diz respeito à dinâmica de tais atos.

A construção do sujeito codificado como feminino, do sujeito mulher, como um ser-objeto no universo da pornografia ainda se dá pela reiteração da afirmação de que esses corpos são aqueles que podem ser agredidos. A objetificação se dá, todavia, tanto pelo fato de os corpos das mulheres se constituírem como os receptáculos quase que únicos dos atos de agressão, quanto pela impossibilidade de tais corpos agirem também como agressores.

Mais uma vez, é preciso observar a falta de reciprocidade e equivalência entre os sujeitos e suas identidades. Da mesma forma que certos atos/números sexuais, a agressão física é um ato generificado na paisagem pornográfica *mainstream*. De maneira que, não se trata de afirmar que a pornografia é violenta, pois tal afirmação mascara ou não explicita que as cenas de agressão não estão disseminadas de maneira universal, elas se constituem a partir de uma dinâmica de gênero própria e relativamente fechada. Nesse sentido, as representações pornográficas surgem como um produto e, ao mesmo tempo, como produtoras de masculinidades e feminilidades extremamente conservadoras e tradicionais.

Conforme a interpretação de Rita Segato (2016), entendo que a produção da masculinidade segue processos diferentes da produção da feminilidade e é necessário que entendamos o papel da violência de gênero, seja ela sexual ou não, em tal estrutura. A masculinidade se constituiu por um processo de cobrança de tributos em que um outro é percebido como o provedor dos gestos que alimentam a virilidade.

Os corpos feminilizados, ao mesmo tempo, que “entregam”, seja via persuasão ou imposição, o tributo instaurador do *status* masculino, “excluem-se da casta que consagram”. Entende-se, dessa forma, com maior clareza o porquê da rigidez e fixação dos atos presentes na pornografia *mainstream*. A não intercambialidade de determinados atos não surge, portanto, como simples falta de criatividade ou de uma estrutura narrativa pobre, mas, sim, obedece a um sistema de representação já ancestral que posiciona as mulheres e seus corpos como garantidoras da masculinidade dos sujeitos-homens.

Há, portanto, uma correção na análise de autoras como Catharine MacKinnon (1993) quando ela afirma que o que é sexualizado na pornografia é uma hierarquia de gênero da qual a capacidade para agressão é uma expressão. É preciso destacar a função ultimamente expressiva que as representações pornográficas possuem no sistema de comunicação instaurado pela violência. Este pode ser entendido como um ponto de encontro importante, entre linhas teóricas distintas que buscam articular a relação entre pornografia e constituição de sistemas mais amplos de governo dos corpos. Segundo Paul Preciado:

Poderíamos dizer, lendo Max Weber com Judith Butler, que a masculinidade é para a sociedade aquilo que o Estado é para a nação: detentor e usuário legítimo da violência. Essa violência pode se expressar socialmente como domínio, economicamente como privilégio, sexualmente

como agressão e estupro. A soberania feminina, ao contrário, só é reconhecida na capacidade das mulheres para gerar. Em termos sexuais e sociais, as mulheres são súditas. Só as mães são soberanas (Preciado, 2020, p. 326-327).

No caso específico da pornografia, as análises de conteúdo revisadas apontam, ainda, para um outro importante elemento constitutivo das noções de masculinidade e feminilidade, que se vincula diretamente e se soma à detenção e ao uso legítimo da violência para definir quem são os homens e quem são as mulheres. O termo legítimo aqui deve ser lido como indicando aqueles que, dentro do sistema, estão autorizados “naturalmente” a agredir.

Com isso, não digo que mulheres não podem surgir como agressoras em tipos específicos de pornografia, mas a possibilidade de agressão por parte das mulheres deve ser ativamente buscada pelo usuário de pornografia, ela não será apresentada – como as revisões indicam – pelos algoritmos que regem os grandes sites pornográficos. Denomino de *voluptas-violentiam* o sistema de representações colocado em jogo pelas mídias pornográficas, pois há aí uma vinculação direta entre capacidade de agressão e possibilidade de gozo. Da mesma forma que as agressões físicas, o gozo não parece estar igualmente disseminado nas representações pornográficas.

De fato, as pesquisas revisadas (Klassen; Peter, 2014; Fritz; Paul, 2017; Séguin; Rodrigue; Lavigne, 2017; Shor; Seida, 2018; 2021; Shor, 2019) mostram uma incidência baixa de representação de orgasmos feminino. Em todos os estudos citados, orgasmos femininos ocorreram em menos de 20% das cenas/vídeos analisados. Já a representação de orgasmos masculinos surge como normativa, estando presente em mais de 60% de todas as cenas/vídeos observados pelas pesquisas (Klassen; Peter, 2014; Fritz; Paul, 2017; Séguin; Rodrigue; Lavigne, 2017) que se dedicaram quantificar tal índice.

Através das análises de conteúdo, podemos aferir, portanto, que a/o usuária/o padrão de pornografia *mainstream* tem maiores chances de se deparar com a representação de uma mulher sendo visivelmente agredida do que de uma mulher atingindo o clímax. A pesquisa de Shor e Seida (2018), por exemplo, que verificou ambos os índices, constatou que agressões visíveis estiveram presentes em 39,8% do total da amostra, ao passo que orgasmos femininos ocorreram em 13,4% do total da amostra.

Para além dos atos/números sexuais específicos que cabem a cada gênero performar, uma característica distintiva da masculinidade de acordo com as narrativas pornográficas analisadas parece residir, portanto, na capacidade de agredir e gozar. A feminilidade se define, por sua vez, pela capacidade de ser agredida e não sentir ou não demonstrar dor.

Segundo as pesquisas (Klassen; Peter, 2014; Shor, 2019), raramente¹⁰ as atrizes respondem aos atos de agressão/violência/degradação de maneira negativa. Na paisagem pornográfica que analiso as mulheres parecem surgir, portanto, como incapazes de demonstrar duas das emoções humanas mais básicas e que já foram utilizadas para

¹⁰ Segundo Klassen e Peter (2014), as respostas das atrizes aos atos de violência física foram majoritariamente neutras, em 57,4% das cenas, ou positivas, 38% das cenas, sendo raramente negativas (2,8%) ou mistas (1,9%). De acordo com Shor e Seida (2018), a reação das atrizes para todos os atos analisados pela pesquisa (agressão física visível, spanking, penetração vaginal forçada, penetração anal forçada e gagging forçado) foi, em mais de 80% das vezes, indicando prazer em resposta aos atos.

erigir sistemas filosóficos inteiros: prazer e dor. É preciso entender, dessa forma, que o processo de desumanização e objetificação, ao menos no nível da representação, dá-se nas narrativas pornográficas atuais pela construção imagética do ser-objeto mulher como incapaz. Tal incapacidade é correlacional e só faz sentido quando percebida em relação à capacidade total que o ser-homem possui: de agredir e gozar.

Conclusão

A ideia de acompanhar um processo comunicativo em que tanto os canais emissores, quanto os conteúdos vinculados se multiplicaram de forma viral, nas duas últimas décadas, mostrava-se um desafio desde o início. Optei, dessa forma, por realizar a investigação com base em ampla pesquisa bibliográfica. O processo de pesquisa – que buscou estabelecer quais seriam as narrativas hegemônicas e as identidades mobilizadas nos discursos pornográficos *mainstream* – ocorreu por meio da revisão de quatorze trabalhos que realizaram análises de conteúdos de imagens e vídeos pornográficos disponibilizados nos principais portais de acesso a pornografia gratuita na atualidade. Compuseram a amostra de tal revisão cerca de 7.071 cenas/vídeos/imagens.

Foi possível, então, elaborar os principais traços da paisagem pornográfica disponível on-line. A partir da análise das pesquisas revisadas, propus uma lista que seria representativa do roteiro básico de um vídeo pornográfico heterossexual encontrado em um site do estilo tube na internet. Em relação a tal roteiro, apontei que as narrativas pornográficas analisadas constituem exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante. Propus denominar o sistema de representação que se instaura conforme essa paisagem de *voluptas-violentiam*.

Partindo da observação de quais são os corpos capazes de agredir e gozar, tornou-se nítida a construção binária e generificada de duas formas de existência nessa paisagem pornográfica. A construção do sujeito codificado como feminino, do sujeito mulher, como um ser-objeto no universo da pornografia ainda se dá pela reiteração da afirmação de que estes são os corpos que podem ser agredidos.

Seguindo a interpretação de Rita Segato (2016), de que produção da masculinidade se constituiu através de um processo de cobrança de tributos em que um outro é percebido como o provedor dos gestos que alimentam a virilidade, apontei que a rigidez e fixação dos atos presentes na pornografia *mainstream* não devem ser encarados como simples falta de criatividade ou de uma estrutura narrativa pobre, mas, sim, como obedecendo a um sistema de representação que posiciona as mulheres e seus corpos como garantidoras da masculinidade dos sujeitos-homens. A baixa incidência da representação de orgasmos femininos faz, também, com que a feminilidade, no campo da pornografia *mainstream*, defina-se tanto pela capacidade de ser agredida e não sentir ou não demonstrar dor, como pela inabilidade de sentir prazer.

Referências

CARROTTE, Elise R.; DAVIS, Angela C.; LIM, Megan Sc. Sexual Behaviors and Violence in Pornography: Systematic Review and Narrative Synthesis of Video Content Analyses. **J Med Internet Res.**, v. 22, n. 5, e16702, 14 maio 2020. DOI: 10.2196/16702.

DOWNING, Martin J. Jr.; SCHRIMSHAW, Eric W.; ANTEBI, Nadav; SIEGEL, Karolynn. Sexually explicit media on the internet: a content analysis of sexual behaviors, risk, and media characteristics in gay male adult videos. **Arch Sex Behav.**, v. 43, n. 4, p. 811-821, maio 2014. DOI: 10.1007/s10508-013-0199-1.

FRITZ, Niki; PAUL, Bryant. From Orgasms to Spanking: A Content Analysis of the Agentic and Objectifying Sexual Scripts in Feminist, for Women, and Mainstream Pornography. **Sex Roles**, v. 77, p. 639-652, 2017. DOI: 10.1007/s11199-017-0837-6.

FRITZ, Niki; MALIC, Vinny; BRYANT, Malic; ZHOU, Yanyan. Worse Than Objects: The Depiction of Black Women and Men and Their Sexual Relationship in Pornography. **Gender Issues**, v. 38, p. 100-120, 2021. DOI: 10.1007/s12147-020-09262-8.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **El mensaje de la televisión mexicana de los noventas.** Un análisis axiológico de La programación de los canales 2, 5, 9, 11 y 13. México: Universidad Iberoamericana, 1993.

GORMAN, Stacy; MONK-TURNER, Marleen; FISH, Jennifer N. Free Adult Internet Web Sites: How Prevalent Are Degrading Acts? **Gender Issues**, v. 27, p. 131-145, 2010. DOI: 10.1007/s12147-010-9095-7.

KLASSEN, Marleen J. E.; PETER, Jochen. Gender (In)equality in Internet Pornography: A Content Analysis of Popular Pornographic Internet Videos. **The Journal of Sex Research**, Epub 2014. DOI: 10.1080/00224499.2014.978255.

MACKINNON, Catharine. **Only words.** Cambridge: Harvard University Press, 1993.

PATTERSON, Zabet. Goin On-line: Consuming Pornography in the Digital Era. In: WILLIAMS, Linda. **Porn Studies.** Durham; London: Duke University Press, 2004. p. 104-127.

PETERS, Eryn M.; MORRISON, Todd G.; BISHOP, Cj.; KISS, Mark J.; MCDERMOTT, Darragh T. Age is in the Eye of the Beholder: Examining the Cues Employed to Construct the Illusion of Youth in Teen Pornography. **Sexuality & Culture**, v. 18, n. 3, p. 527-546, 2014. DOI: 10.1007/s12119-013-9216-9.

PRECIADO, Paul B. Museu, lixo urbano e pornografia. **Periódicus** – Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades [online], Salvador, v. 1, n. 8, p. 20-31, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23686>. Acesso em: 21 set. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia An Essay on Playboy's Architecture and Biopolitics.** New York: Zone Books, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições: 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro: Zahar: 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 5, p. 17-44, nov. 2010.

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesús. Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporâneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa paara investigar la mutación cultural**: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín Barbero. Ecuador: Ciespal, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficante de sueños, 2016.

SÉGUIN, Léa J.; RODRIGUE, Carl; LAVIGNE, Julie. Consuming Ecstasy: Representations of Male and Female Orgasm in Mainstream Pornography. **The Journal of Sex Research**, v. 55, n. 3, p. 348-356, 2017. DOI: 10.1080/00224499.2016.1168350.

SHIM, Jae Woong; KWON, Mahnwoo; CHENG, Hong-In. Analysis of representation of sexuality on women's and men's pornographic websites. **Social Behavior and Personality**: An international journal, v. 43, n. 1, p. 53-62, fev. 2015. DOI: 10.2224/sbp.11082.

SILVA, Lourdes Ana Pereira; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. Narrativa(s) como estratégia(s) de comunicabilidade. In: RINCÓN, Omar (Ed.) et al. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ciespal, 2019. p 161-187.

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. "Harder and Harder"? Is Mainstream Pornography Becoming Increasingly Violent and Do Viewers Prefer Violent Content? **The Journal of Sex Research**, n. 00, p. 1-13, 2018. DOI: 10.1080/00224499.2017.1393651.

SHOR, Eran. Age, Aggression, and Pleasure in Popular Online Pornographic Videos. **Violence Against Women**. v. 25, n. 8, p. 1018-1036, jun. 2019. DOI: 10.1177/1077801218797458.

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. **Aggression in Pornography Myths and Realities**. Nova York: Routledge, 2021.

TARRANT, Shira. **The Pornography Industry**: What everyone needs to know. Oxford University Press, 2016.

VANNIER, Sarah A.; CURRIE, Anna B.; O'SULLIVAN, Lucia F. Schoolgirls and Soccer Moms: A Content Analysis of Free 'Teen' and 'MILF' Online Pornography. **The Journal of Sex Research**, v. 51, n. 3, p. 253-264, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499.2013.829795>. Acesso em: 21 set. 2021.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core**: power, pleasure, ad the frenzy of the visible. Los Angeles: University of California Press, 1989.

WILLIAMS, Linda. **Porn Studies**. Durham; London: Duke University Press, 2004.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Others Essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

ZHOU, Yanyan; PAUL, Bryant. Lotus Blossom or Dragon Lady: A Content Analysis of "Asian Women" Online Pornography. **Sexuality & Culture**, v. 20, n. 4, p. 1083-1100, 2016. DOI: 10.1007/s12119-016-9364-0.

ZHOU, Yanyan; PAUL, Bryant; MALIC, Vincent; YU, Jingyuan. Sexual behavior patterns in online sexually explicit materials: a network analysis. **Qual Quant**, v. 53, p. 2253-2271, 2019. DOI: 10.1007/s11135-019-00869-7.

ZIPLOW, Steve. **The Film Maker's Guide to Pornography**. Nova York: Drake Pub, 1977.

ZOOK, Matthew. Report on the Location of the Internet Adult Industry. In: JACOBS, Katrien; JANSSEN, Marije; PASQUINELLI, Matteo (Orgs.). **C'lick me: A netporn studies reader**. Netherlands: Institute of Network Cultures, 2007.

Recebido em: 13 ago. 2024
Aprovado em: 19 set. 2024